

## **SOB O PRISMA DA SEMIÓTICA DA CULTURA: CORPO, SEXUALIDADE E GÊNERO EM SEMIOSES COTIDIANAS**

**Leila Lima de Sousa<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O objetivo deste texto é trazer reflexões sobre entendimentos acerca do corpo, gênero e sexualidade através da experiência pessoal de dois sujeitos, um homem e uma mulher. A ideia é confrontar e aproximar noções de autores sobre os conceitos destacados e a mirada individual dos sujeitos a partir de como esses temas estão refletidos e problematizados em seus cotidianos, nas relações que estabelecem com a família, o grupo de amigos, o mercado de trabalho. Tomamos como suporte epistêmico-metodológico a semiótica da cultura, a partir da noção de *semiosfera* proposta por Lotman (1996), para compreender como textos que são produzidos por sujeitos que estão situados na “periferia”, no sentido de que são narrativas que contrapõem as hegemônicas, podem provocar rupturas nos textos que estão no centro da semiosfera, responsáveis por fabricar e instituir normas e padrões culturais. Acreditamos que os sujeitos produzem “identidades políticas” de resistência, levantando bandeiras, confrontando lógicas e favorecendo, através de textos novos que são colocados em circulação e em confronto na *semiosfera*, a construção de caminhos para uma desobediência epistêmica e cultural.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica da cultura; Semiosfera; Identidades; Resistência

### **FROM THE PERSPECTIVE OF THE SEMIOTICS OF CULTURE: BODY, SEXUALITY AND GENDER IN EVERYDAY SEMIOSES**

#### **ABSTRACT**

The objective of this text is to bring reflections about understandings about the body, gender and sexuality through the personal experience of two subjects, a man and a woman. The idea is to confront and bring together authors' notions about the concepts highlighted and the individual view of the subjects based on how these themes are reflected and problematized in their daily lives, in the relationships they establish with family, the group of friends, the job market. We take as our epistemic-methodological support the semiotics of culture, based on the notion of the semiosphere proposed by Lotman (1996), to understand how texts that are produced by subjects who are located in the "periphery", in the sense that they are narratives that counteract hegemonic ones, can cause ruptures in the texts that are at the center of the semiosphere, responsible for manufacturing and instituting cultural norms and standards. We believe that the subjects produce "political identities" of resistance, raising flags, confronting logics and

---

<sup>1</sup> Docente do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão - UFMA/Campus Imperatriz. Doutoranda em Ciências da Comunicação pela Unisinos, com estágio de Doutorado Sanduíche na Universitat Autònoma de Barcelona, Espanha, com bolsa CAPES PRINT. Email: [leilasousa.pi@gmail.com](mailto:leilasousa.pi@gmail.com).

favoring, from new texts that are put into circulation and confronted in the semiosphere, the construction of paths for an epistemic and cultural disobedience.

**KEYWORDS:** Semiotics of culture; Semiosphere; Identities; Resistance

## INTRODUÇÃO

Este texto<sup>2</sup> tem por objetivo articular reflexões teóricas sobre corpo, gênero e sexualidade através de semioses concretas de sujeitos que cotidianamente pensam, interpretam e são afetados por esses temas. Tomamos por base autores como Geertz (1989) e Velho (1980) para refletir sobre a constituição da cultura; Miskolci (2009), Preciado (2011) e Louro (1997) para problematizar as construções sociais e culturais de gênero e sexualidade, e Le Breton (2016) para pensar o papel do corpo nos significantes culturais e também nos processos de ruptura com estes.

O artigo discute ainda sobre a constituição da *semiosfera* da cultura a partir da produção de textos culturais semióticos diversos em tensionamento entre "centro" e a "periferia" da semiosfera. Assim, refletimos sobre as noções de texto semiótico, aspectos da fronteira, do centro, da periferia e da memória da cultura, todos eles pensados e interpretados por Iúri Lotman (1996;1998), da escola semiótica Tartu Moscou.

A dimensão metodológica deste texto é constituída a partir da articulação dos conceitos teóricos acima citados e a realização de entrevistas em profundidade que foram nos conduzindo sobre problematizações e tensionamentos decorrentes das semioses realizadas pelos sujeitos em seus cotidianos, de acordo com a posição e o lugar social em que se encontram e que permitem refletir de determinadas e particulares maneiras sobre as opressões e normatizações que sofrem.

As entrevistas em profundidade na modalidade semiestruturada foram realizadas no período entre maio e junho de 2018 com dois sujeitos, um homem e uma mulher, ambos negros, moradores da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Aqui vamos chamá-los de Rafael e Fernanda nomes fictícios para preservar as identidades.

---

<sup>2</sup> Resultante do trabalho final da disciplina "Semioses da Cultura", cursada no programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fernanda é uma mulher negra, num país machista e racista, com altos índices de violência doméstica e de feminicídio<sup>3</sup>. Dados do levantamento *monitor da violência* feito pelo site G1 em parceria com o “Núcleo de Estudos da Violência da USP” e o “Fórum Brasileiro de Segurança Pública”, apontaram que no ano de 2019 os casos de feminicídio aumentaram 7,3% em todo o país. A matéria destaca ainda que o número de casos registrados no ano passado foi o maior desde 2015, quando a lei do feminicídio passou a vigorar no Brasil (VELASCO; *et al*, 2020).

Rafael é negro e gay, num país racista e que se destaca como um dos que mais mata homossexuais<sup>4</sup>. Dados divulgados no relatório do “Grupo Gay da Bahia (GGB)” e publicados na “Agência de notícias da Aids”, apontam que, no Brasil, uma morte LGBT é registrada a cada 23 horas (Retrospectiva, 2019). Em matéria publicada pelo jornal *El país* no ano de 2019, mais de 50% dos LGBT’s revelaram ter sofrido algum tipo de violência desde as eleições presidenciais (ALFAGEME, 2020).

As opressões que atravessaram Rafael e Fernanda durante toda a vida não podem ser categorizadas de modo irrefletido e simplificador. Por isso, ressaltamos a importância de trazer neste texto reflexões e problematizações sobre corpo, gênero e sexualidade desde as semioses cotidianas construídas por esses sujeitos em espaços de protagonismo discursivo para pensar, interpretar e provocar rupturas com os sistemas de opressão e de dominação estruturados social e culturalmente.

Um roteiro de entrevista com algumas questões norteadoras foi construído para tratarmos dos objetivos centrais da pesquisa. Embora contemplasse todas as temáticas debatidas nesse artigo, ele foi moldado de acordo com a experiência e com as questões trazidas pelos dois entrevistados.

As questões gerais abordaram as seguintes problematizações: 1. Definição de suas sexualidades; 2. Como se sentem representados sexualmente; 3. Opressões sofridas

---

<sup>3</sup> **Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019.** Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-feminicidios-em-2019.ghtml>. Acesso em 08 de maio de 2020.

<sup>4</sup> **Retrospectiva 2019: Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT.** Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2019-brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt/>. Acesso em 08 de maio de 2020.

**Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia.** Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147\\_774690.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html). Acesso em 08 de maio de 2020.

por causa do corpo e da sexualidade; 4. Entendimentos e relações entre corpo e gênero; 5. Meios de comunicação, sexualidade, corpo e gênero; 6. Normatização, padronização e sexualização dos corpos; 7. Machismo, racismo e o pensamento binário; entre outros assuntos que foram trazidos pelos dois como importantes.

Com Fernanda realizamos duas conversas via aplicativo de conversa *WhatsApp* e depois nos encontramos pessoalmente para uma entrevista em profundidade com roteiro contendo essas e outras questões que ela mesma apontou. Com Rafael, pela dificuldade na agenda de trabalho dele, conversamos apenas via aplicativo. As perguntas eram enviadas por escrito, digitadas, e ele respondia via áudio, ao todo conversamos seis vezes, em diferentes datas, durante um mês.

O texto apresenta três eixos principais: no primeiro, “Rupturas, confrontações e continuidades nos processos culturais” são trabalhadas reflexões sobre a constituição da cultura e as classificações operadas a partir dela para identificar os sujeitos e suas práticas. O segundo, “Tensionamentos sobre corpo, gênero e sexualidade em semioses cotidianas” traz o diálogo teórico com as interpretações realizadas pelos sujeitos sobre essas temáticas desde a experiência pessoal e cotidiana. O terceiro, “Considerações finais”, destaca como esses sujeitos a partir da ruptura e dos tensionamentos que provocam com os discursos e normatizações historicamente e socialmente construídas, produzem “identidades políticas” de resistência a partir da fabricação de textos novos que são colocados em circulação e em confronto na semiosfera da cultura. Assim, desenvolvem caminhos para uma desobediência epistêmica e cultural.

## **RUPTURAS, CONFRONTAÇÕES E CONTINUIDADES NOS PROCESSOS CULTURAIS**

Os primeiros contatos dos sujeitos com o mundo cultural são possibilitados por instituições que funcionam como mediadoras. A família, a igreja, a escola e outras organizações sociais vão inseri-los numa lógica cultural que tem símbolos próprios, reconhecidos e naturalizados pelos sujeitos que passam a classificar o que está fora dessa lógica como “não familiar” e como “exótico”, nas palavras de Velho (1980). Exótico é o que escapa, chama a atenção, está fora ou em outro espaço diferente do qual se costuma identificar e a tratar como “nosso”. Descrever processos culturais requer não

perder de vista esses elementos dinâmicos, de aproximação, confrontação e de estranhamento, tão necessários na constituição dos sujeitos (GEERTZ, 1989).

Para Geertz (1989), a cultura e o seu significado são públicos. Este significado resulta de um processo de construção, internalização e naturalização, tratando-se de uma produção social. Essa produção de significado acontece também pelo contato e a diferenciação cultural, através dos diálogos com os outros que nos constituem, nos atravessam e que estão sempre balizando nossas certezas, confrontando espaços, identificações, provocando movimentos de ruptura e de continuidade com os nossos referentes culturais. É assim que “familiar” e “exótico” são elementos próprios da cultura e nos auxiliam a construir significados sobre os símbolos culturais, sejam eles resultantes de textos que se encontram no centro ou na periferia, do mesmo ou de outros espaços semióticos, que se cruzam e se desestabilizam, constantemente.

Os textos que atravessam a cultura resultam da composição de diversos signos que se organizam a partir de uma ou de mais linguagens e de seus códigos. São esses textos que atravessam gerações e que carregam referentes de memória coletiva. Ao entrar em contato com outros referentes culturais, tais textos sofrem ressignificações e readaptações. É nesse sentido que, dentro da cultura, a linguagem opera em dois movimentos essenciais: de um lado, é marcadora das diferenças, reafirma identidades, normaliza os sujeitos dentro de lógicas que por vezes são cristalizadas (SILVA, 2000). De outro, é um elemento necessário para o processo de “reterritorialização” (TORRICO, 2018), de modo a se saber e ser possível tomar consciência do próprio lugar de fala, de onde se veio, que símbolos são mais representativos e assim confrontar e provocar rupturas necessárias às lógicas e hierarquias hegemônicas.

Classificações são operadas como modo de melhor compreender processos, torná-los mais visíveis, identificá-los com maior clareza, para definir o que se é a partir do que se sabe não ser, mas, até que ponto classificar permite também ser flexível às demandas e aos lugares de fala dos sujeitos? Até que ponto classificar não é limitar, reduzir, impor e excluir os que não reconhecem e não estão inseridos em determinadas gramáticas e agenciamentos?

Velho (1980) adverte o perigo do apego em demasia ao familiar e isso se tornar um entrave ao conhecimento de outras culturas, outros símbolos, signos e significados.

Inclusive dos movimentos tão necessários de desestabilização de certezas e de posições, buscando problematizar o que de fato pode ser considerado familiar, o que pode ser considerado exótico e em que se fundamenta o princípio de tais definições. Dentro dessa construção do familiar, a memória se destaca como elemento fundamental na organização da cultura, nas “modelagens” a que os sujeitos são submetidos e que naturalizam (LOTMAN, 1996).

Dentro dessa lógica é preciso também destacar, como propõe o autor supracitado, que a observação da cultura resulta de uma tradução, de uma interpretação, diz muito sobre a subjetividade carregada, dos fenômenos que são mais acessíveis e cotidianos. Trata-se, como é destacado, de um processo que é aproximativo, que não se configura como algo definitivo. É preciso também problematizar a dinamicidade que envolve a cultura e o processo de tensionamento de textos da periferia e do centro, em movimentos de confrontação, desestabilização e de continuidade. Assim, a cultura também se constrói em movimentos de ruptura e continuidade, de fixar outros códigos e elementos culturais aos já existentes. Desta feita, a semiosfera constitui-se como esse espaço em que diferentes textos dialogam, se cruzam, se confrontam, atravessam o centro, a periferia e a fronteira – este último funcionando como um ambiente de tradução entre as zonas que compõem o sistema (LOTMAN, 1996).

O papel do pesquisador é, pois, desestabilizar, relativizar e confrontar o que é construído, o que fora internalizado sem maiores problematizações na memória coletiva, o que escapa, o que está à parte desses processos. É fundamental também perceber as inventividades dos sujeitos no processo de questionamento dessas lógicas culturais. As gramáticas excludentes que também podem incitar novos usos da língua, a criação de outras linguagens, de códigos que refletem uma linguagem para além da escrita e da falada, mas que também se visualizam nos modos de vestir, nos usos do corpo como bandeira política e de resistência aos padrões, conforme será destacado adiante levando em consideração o contato com os sujeitos da pesquisa.

O corpo surge, nestas experiências e vivências pessoais e cotidianas, como objeto de subversão e de confrontação aos binarismos instituídos na ordem social que toma por base de classificação uma ordem que é sexual, criada historicamente, homem-mulher, heterossexual ou homossexual.

Para Lotman (1998), o texto semiótico, contrapondo normatizações que podem ser responsáveis por reducionismos das mais diversas ordens, também é constituído e atravessado pelo que está fora da ordem, do comum, do que é considerado coerente. É assim que, no ambiente da semiosfera, o centro representa o hegemônico, o naturalizado, e a periferia é o exótico, o novo, o diferente. Ambos se confrontam, tensionam e também dialogam, em movimentos constantes, no espaço fronteiro que permite tanto que o centro vá até a periferia como o contrário. Claro, que não se pode deixar de tensionar as resistências e as adaptações que esses textos sofrem ao sair da sua zona de origem, assim, também é necessário destacar que novos textos são produzidos.

Esses novos textos produzidos são também resultantes de necessários movimentos de reterritorialização. A ação é defendida pelo professor Dr. Erick Torrico (2018) como um caminho de luta do conhecimento/pensamento para romper com lógicas naturalizadas e como forma de propor a liberdade de comunicar, de ter suas diferenças culturais valorizadas. É um desafio que se estabelece ao que se sabe e ao que se é. É levada em conta a luta de povos subalternamente excluídos e suas formas inventivas de ser e fazer o cotidiano, atuando na valorização e na resistência cultural, atividades também possibilitadas pela linguagem, que atua como demarcadora de diferenças e de pertencas territoriais, símbolo de resistência.

A perspectiva levantada por Torrico (2018) é também defendida por Mignolo (2008) quando propõe a “opção descolonial” que reflete identidades de resistência que lutam confrontando a narrativa dos textos culturais e epistêmicos eurocêntricos que não dão conta de explicar a realidade mestiça e as suas diversidades e diferenças. Para o autor, a descolonização vem junto à assunção de uma “identidade em política” que observa a “pluri-diversidade como um projeto universal” (MIGNOLO, 2008, p. 300).

Dessa maneira, este texto compõe também um relato de vivência através de contatos aproximativos com dois jovens, um homem e uma mulher, que possibilitaram pensar e problematizar diversos processos culturais, de inclusão, exclusão, segregação e de reflexões para a necessidade de assumir identidades políticas de resistência, favorecendo a uma desobediência epistêmica e cultural hegemônica.

## TENSIONAMENTOS SOBRE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SEMIOSES COTIDIANAS

Rafael é homem, tem aproximadamente 20 anos, trabalha como vendedor de loja e é muito aberto ao debate, sempre se mostrou extrovertido. Em nossas conversas, deixou visível seus estudos, pesquisas e esforços para se autoconhecer e fugir de aprisionamentos, embora não frequente um ambiente acadêmico. Rafael se reconheceu como gay através do olhar do “outro”, quando serviu ao Exército Brasileiro. Já na primeira conversa questões sobre a fluidez pelo desejo de não se definir, não se limitar, não aceitar se categorizar foram colocadas em reflexão. Rafael mencionou a *Escala Kinsey*, uma escala que quebra a binariedade da sexualidade como homossexual ou heterossexual, instituindo a possibilidade de se ser os dois, quando se quer.

Mesmo tentando ser “o mais masculino possível”, era apontado como *gay*. Rafael problematiza as representações que foram responsáveis por criar estereótipos *gays*. Assim, faz referência aos personagens *gays* em TV que durante muito tempo foram caricaturizados, construídos com sinais de afetamento, do afeminado, de chamar atenção, como no caso citado por ele, a personagem “Vera Verão”, que foi usada por muitos colegas como instrumento de *bullying* para identificar que ele não se encaixava num padrão masculino e que era uma “bicha barraqueira”, além também de instituir ligação da personagem com ele pela cor da pele de ambos, negros retintos.

O humor racista é uma prática disseminada nos meios de comunicação, especialmente a televisão, que há anos contribui para criar e perpetuar “significações culturais” sobre grupos minoritários atuando na manutenção dos privilégios da branquitude, conforme defende Moreira (2019) no conceito de “Racismo recreativo”. A televisão, segundo o autor, atua na manutenção dos privilégios da branquitude tanto pela afirmação direta da inferioridade moral como pela invisibilidade de determinados grupos.

O personagem “Vera Verão” é um dos estudados por Moreira (2019) para debater os estereótipos criados para homens e mulheres negras na televisão, principalmente nos programas de humor. O humor que envolvia o personagem em questão estava atrelado à sua “promiscuidade sexual” (Moreira, 2019, p. 108), “a busca pelo parceiro branco” (Moreira, 2019, p.108) e à cor retinta da sua pele, frequentemente

usada como elemento cômico, criando a ideia de inferiorização da estética afro. As cenas em que “Vera Verão” aparecia também eram marcadas, segundo Moreira (2019, p. 111), por “associações racistas baseadas na relação negritude e escuridão, negritude e animais, negritude e sexo”, criando assim uma representação do branco como a luz, o positivo e o negro como as trevas, o negativo, relativamente oposto ao branco.

Até os 17 anos, Rafael considerava-se apenas heterossexual, mas como possuía alguns traços considerados “afeminados” foi apontado pelos colegas como *gay*. Hoje, ele busca não definir a sua sexualidade, mas diz que politicamente levanta e defende a bandeira *gay*, embora considere que o “meio *gay*” é heteronormativo e exclui os sujeitos que não têm um padrão que consideram “ másculo”. A reflexão levantada por Rafael se aproxima ao que propõe Miskolci (2009) quando fala que a heterossexualidade é tomada como natural, uma espécie de fundamento social. Mesmo as culturas sexuais não hegemônicas são enquadradas no princípio da heteronormatividade. É com base nesse princípio, por exemplo, que os gays são separados entre sujeitos que são “ativos” ou “passivos” (MISKOLCI, 2009). Esse tensionamento também é abordado por Guacira Lopes (1997) quando fala de sexualidade.

A autora supracitada mostra que os homens que seguem uma prática sexual não hegemônica também são discriminados, subordinados e tratados como diferentes pelos dispositivos de poder. Também são excluídos de lógicas e colocados em posições hierárquicas desiguais em relação aos homens heterossexuais. Essas questões são discutidas por Rafael em movimentos duplos: o de ser excluído dos grupos heterossexuais por ser julgado como afeminado e o de ser visto como menos atraente nos grupos gays, pelo mesmo motivo e pelo fato de defender um corpo natural.

Ele relata que mesmo se fosse heterossexual por não acreditar nas divisões de que “tal característica é feminina e tal é masculina”, jamais conseguiria seguir um padrão naturalizado como masculino.

Minha sexualidade eu vejo hoje em dia como algo sem muita forma tudo depende do desejo e do momento, porém em questões mais políticas e etc., minha bandeira é *gay*. (...) Na sociedade que vivemos opressão e constrangimento são coisas infelizmente naturais e com certeza todos os indivíduos dentro ou fora do padrão já passaram ou ainda vão passar. Eu passei por uma boa parcela de opressão de gênero (eu vejo muito dessa forma ultimamente). Por estar fora do padrão muitas vezes fui vítima de bullying, porque desde sempre nunca me importei com essas questões do meu gênero apesar de não ser uma pessoa trans (pelo menos não me considero) mas

sempre achei besteira essa divisão do que um menino ou menina "pode ou não fazer" (RAFAEL, 05/2018).

A estruturação da(s) semiosfera(s) que atravessam os dois sujeitos perpassa pela consciência e pela noção dos textos que circulam entre o centro e a periferia. Antes de problematizarem corpos e sexualidade tensionavam divisões e exclusões raciais, segregação de gênero, falta de representatividade negra na mídia, na literatura e nos textos acadêmicos. Foi assim que Fernanda, jovem, mulher negra e estudante universitária, explicou que, se definir como mulher negra faz parte de um discurso que foi aprendido, inquestionado, pelo fato de que o seu fenótipo é esse, mas hoje é também uma bandeira apreendida de luta por direitos e espaços.

Em relação à raça, eu acho que pelo meu fenótipo, eu não preciso reforçar tanto isso, assim, eu não preciso falar para uma pessoa ou me afirmar enquanto negra. Porque o meu fenótipo, eu acho que já fala por mim. Mas, em relação a sexualidade, também, eu não acho que tenho que me afirmar em nada, assim. Como eu já falei, eu não sinto a necessidade de tornar ela um rótulo. Eu quero, eu quero muito encarar ela de uma maneira tão natural, que eu não diferencie, assim, sabe, com quem eu estou, no aspecto de não diferenciar, não fazer diferença mesmo. Não categorizar. Que eu não sinta essa necessidade de "aí, eu preciso me definir". Eu não quero sentir essa necessidade. Por isso eu quero encarar ela como algo natural e quero não precisar me afirmar dentro de um grupo específico, assim, na questão da sexualidade. Eu não sei. Na questão do gênero, eu também não sinto necessidade de me afirmar, porque eu acho que também, por ser uma mulher cis, a sociedade já me vê como uma mulher. Então, eu não preciso dizer que eu sou mulher, geralmente. Acho que nunca, nunca senti necessidade disso. Então, acho que não preciso me afirmar enquanto isso (FERNANDA, 06/2018).

Tomaz Tadeu da Silva (2000, p. 83) vai ao encontro do que é problematizado acima por Fernanda, quando reflexiona sobre as identidades fixas e traduzidas como a "norma" a partir da qual outras identidades, que estiverem fora desse padrão serão balizadas, classificadas e categorizadas. Essas "identidades normais são percebidas como 'natural', desejável e única" (2000, p. 83).

Silva (2000) ressalta ainda que a força homogeneizadora opera classificando e categorizando as identidades que estão em situação desigual de poder. Tudo o que está para além do que é internalizado como a norma é automaticamente inferiorizado, invisibilizado e construído como "Outro" cultural.

(...) Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo

governado pela hegemonia cultural estadunidense, “étnica” é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é “sexualizada”, não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade. (SILVA, 2000, p. 83).

É assim também que Rafael, pelo fato de que durante muito tempo foi traduzido pelo estereótipo “gay”, achou que no meio gay não se basearia em padrões heterossexuais, e que mesmo não sendo tão declarado, para ele, os negros também são excluídos dos padrões de “corpos atraentes”. O que se torna visível é que ambos os sujeitos empreendem movimentos tensionadores dos discursos hegemônicos através de reflexões sobre os espaços que ocupam, sobre os grupos em que transitam e que permitem mais ou menos abertura ao debate, também sobre os limites e cerceamentos que sofrem em ambientes de trabalho, por exemplo, onde não há, algumas vezes, reflexões sobre exclusões e desigualdades raciais e de gênero. Dessa maneira, um elemento de resistência para os dois é levantar e defender bandeiras para que assim possam tomar consciência de suas demandas e dos seus direitos à comunicação e à valorização de diversidades e diferenças culturais.

Lopes (1997) chama atenção para o fato de que muitos sujeitos se encontram em várias situações de subordinação e que cada uma delas deve ser problematizada de modo particular, entendendo que afetam os sujeitos de modos distintos. Não se pode, como assegura a autora, simplesmente “somar subordinações”, já que elas estão envoltas em diferentes complexidades.

Fernanda e Rafael introduzem movimentos de emancipação e ao problematizarem novos textos que refletem sobre o autoconhecimento de seus corpos, das exclusões raciais e das suas sexualidades, tentam desnaturalizar determinados discursos fabricados socialmente, especialmente usando as bandeiras que defendem como símbolos políticos de resistência. Assim, instituem no debate pensamentos que emergem das periferias que atravessam e que são muitas vezes inseridos pela nivelção colonizadora que é característica da nossa sociedade. Os dois têm provocado fraturas epistêmicas nos discursos sociais naturalizados e têm assumido uma “consciência mestiça” (MIGNOLO, 2008), através do reconhecimento, do conhecimento e da valorização de suas identidades e diferenças culturais. É assim que Fernanda entende esse movimento que tem realizado como uma “tomada de consciência” que para ela se

tornou possível ao ingressar no ensino superior e a ter mais contato, questionar e problematizar hierarquias, divisões de gênero, de classe e de raça.

Eu acho que hoje, como eu sou uma pessoa que está na graduação, eu tenho mais consciência sobre esses assuntos. Mas eu não me sinto confortável e nem sinto também a necessidade de falar sobre esses assuntos em todos os ambientes. Por exemplo: eu trabalho em um lugar onde as pessoas são muito abertas, mas todas as pessoas do meu trabalho são brancas. Tirando um estagiário, que como eu, é negro. Então, com ele, eu tenho toda a liberdade de falar sobre todos os assuntos relacionados a raça. Com a minha chefe também. Mas com as outras supervisoras, eu não me sinto tão confortável, porque eu sei que elas têm outros pensamentos sobre raça. E talvez, por terem feito alguma graduação diferente, em uma época diferente, serem mais velhas, não tenham tanta consciência sobre desigualdade. Então, é difícil de conversar com uma pessoa que não teve a oportunidade ou também não quis refletir sobre essas questões. Porque não adianta eu falar com uma pessoa que não quer ouvir. Eu acho. Não adianta eu começar a falar “aí, é necessário cotas raciais”, e essa pessoa tem certeza que não, por motivos morais dela, valores da família dela e outras coisas que ela internalizou. Acho que para conversar com uma pessoa assim, tem que ter muita paciência e tem que ir com calma, assim. Então, acho que dá para conversar sobre isso no meu trabalho, mas por exemplo, em outro lugar, sei lá, em que eu for frequentar, que eu veja que a maioria é de pessoas brancas, e que talvez essas pessoas não tiveram, não tenham conhecimento sobre desigualdade, discriminação, preconceitos em gerais, eu não vou falar com ela sobre esses assuntos. (FERNANDA, 06/2018).

Fernanda, assim como Rafael, não gosta de rotular a sua sexualidade, especialmente por entender que se trata de algo natural. É uma mulher que conhece o seu corpo e toma decisões para além das modelizações vividas. Durante muito tempo frequentou grupos de jovens na igreja e decidiu abandonar o local por acreditar que faltavam discussões que problematizassem gênero, sexualidade, questões raciais e preconceitos de diversas ordens. Em alguns momentos, via que ao invés de acolher, a igreja tentava normatizar os sujeitos que se encontravam “fora dos padrões” o que a fez questionar se aquele não era um lugar de exclusão, bem mais que de acolhimento e aceitação das diferenças.

(...) Sobre a Igreja Católica, eu acho que não ter debate racial é um problema. Então, por isso eu me distanciei de grupos de jovens. Porque eu acho que não adianta a gente falar sobre evangelizar, sobre, sei lá, como o mundo está ruim, como o mundo está corrompido, se dentro do grupo ou dentro do ambiente da igreja, a gente não está discutindo como tornar esse mundo melhor no aspecto de pensar que as pessoas são diferentes. Pensar que, tipo assim, não é porque tu é cristão e porque Jesus ama todo mundo, que todo mundo é igual e todo mundo tem que ser tratado como igual, porque a gente é diferente por inúmeros motivos. E dentro do grupo de jovens, por mais que tivessem pessoas negras, as temáticas raciais não existiam. E por exemplo: lá, se pensava como pecado, tipo assim, a castidade e outras coisas, não se

pensava como pecado, o racismo, não se pensava o pecado, a transfobia, sei lá, gordofobia. Nada disso era pensado como errado, tipo, como pecado. E daí, isso começou a me incomodar muito, muito, muito, muito (FERNANDA, 06/2018).

O que aproxima Fernanda e Rafael também é a reflexão política sobre seus corpos, sobre os padrões que precisam ser rompidos. Fernanda costuma e gosta de usar o cabelo solto, estilo *Black Power*, mas quando usa o cabelo dessa forma, muitas vezes é aconselhada a usar roupas mais justas, já que, segundo os “outros”, ela “fica menos feminina com roupas folgadas” e esse tipo de penteado. Já quando usa tranças, as pessoas a consideram “mais feminina”:

(...) Houve uma época que eu comecei a fazer trança e todas as pessoas me falavam que eu ficava mais feminina de trança do que de cabelo curto. Que aí eu percebo, que naquela época, quando eu ficava de cabelo solto, eu não usava moletom e eu não usava os tênis e as botas que eu gosto. Porque eu pensava que ia reforçar muito a falta da feminilidade que as pessoas diziam que eu não tinha, porque eu não estava de cabelo comprido. Comprido não, de trança. Aí eu fazia trança com muita mais frequência do que eu faço hoje e quando eu estava sem trança, eu não usava as roupas que eu me sinto confortável para usar com trança. (FERNANDA, 06/2018).

Rafael acha que os usuários dos aplicativos de relacionamento gay são excludentes, pois muitos relatam preferir homens com aparência “musculosa” e “masculina” e criticam os que estão “acima do peso”. Ele acredita ainda que o discurso politicamente correto que alguns tentam empreender nesses aplicativos não é totalmente verdadeiro e acha que também os homens negros são excluídos, especialmente se apresentarem traços “menos europeus”.

Nesses aplicativos a gente vê, tipo, quem é quem, sabe?! Vários caras falando que não gostam de afeminados e que não gostam de gordo. E que não gostam disso, não gostam daquilo. Eu acho que a questão tem muita gente que não coloca... É muito engraçado, porque tem muita gente colocando: ‘ah, eu não gosto de magro, não gosto de gordo, não gosto de afeminado’. Eu nunca vi ninguém botando: ‘não gosto de negro’, só por questão de... tipo, “parecer social”. Porque eu tenho certeza que tem muitos caras que também colocariam se não fosse, tipo... parecesse tão agressivo ler isso, sabe?! Só que as pessoas não entendem o quanto pode ser agressivo também ler a questão da pessoa gorda, da pessoa afeminada. E também acho limitador da parte deles, entendeu, querer um estereótipo. E questão de gosto é totalmente estrutural, tipo... Tu cria aquilo que tu quer, entendeu?! A gente foi estruturado pra gostar de pessoas eurocênticas. (RAFAEL, 05/2018).

A segregação de negros retintos também é destacada nas reflexões de Fernanda ao debater sobre a falta de representação midiática dos corpos negros, especialmente

dos que apresentam traços mais fortes e a cor da pele mais escura. Quando os meios de comunicação abordam os corpos negros apresentam pessoas com traços “aceitáveis”, que segundo ela, já passaram por um processo de embranquecimento e que algumas vezes nem são reconhecidos e nem se autodeclaram como negros.

Eu acho que assim, ó... eu acho que a gente tem reproduzido, por exemplo, na TV, assim como tem reproduzido a mulata sensual, a gente tem reproduzido o homem negro forte emocionalmente e fisicamente, o homem negro super dotado (...) E também, os homens que representam beleza e são negros, tipo, na TV, no Instagram, são homens negros muito específicos, eu acho, sabe?! Não, tu não vai ver homens negros gordos que sejam considerados galãs, bonitos. Então, eu acho que é muito, muito, muito reforçado. (FERNANDA, 06/2018).

O que é trazido para o debate por Fernanda e Rafael em relação às representações dos corpos negros também é reflexionado por Moreira (2019) quando defende que a televisão cria “significações culturais” (Moreira, 2019, p. 98) construindo a branquitude como um modelo de “capital cultural” e a negritude, por sua vez, como “elemento de inferioridade moral” (MOREIRA, 2019, p. 99).

As imagens criadas na TV constroem, como propõe o autor,

o retrato de pessoas negras como o oposto do ideal estético e moral caracterizado pelas pessoas brancas e também diversas formas de representações simbólicas que fundamentam narrativas racistas, aspectos que expressam uma clara aversão por negros, embora apareçam na forma de humor (MOREIRA, 2019, p. 103).

Rafael e Fernanda podem ser considerados para muitos como o “exótico” (VELHO, 1980), a força que desestabiliza e confronta as realidades naturalizadas e instituídas. Tomando consciência de que foram moldados por mecanismos classificatórios, eles buscam subverter algumas lógicas e refletir sobre si mesmos, sua sexualidade, corpo, cor da pele, através de um movimento que não se propõe categorizador, binário e hegemônico. É através do entendimento da linguagem que normatiza e exclui que esses sujeitos têm buscado desconstruir hierarquias, construir outras semiosferas, tensionar os poderes hegemônicos e a comunicação desenvolvida no centro do sistema. Ambos realizam em seus cotidianos ações de tensionamento do centro das semiosferas em que estão inseridos.

Fernanda questiona e problematiza o fato de ser mulher, negra, estudante universitária e que não fez uso de cotas para chegar à universidade, mesmo assim, é

julgada pelos olhares dos colegas que acreditam que o seu acesso à universidade se deu dessa forma. Rafael relata que durante toda a vida sofreu *bullying* e opressão de gênero, especialmente por não aceitar a classificação binária entre “homem” e “mulher”.

Rafael vivencia o que Le Breton (2016) identifica ao dizer que o gênero é mais psicológico que físico. O corpo significa singularidade, particularidade, autoconhecimento, um instrumento de poder, contrapondo qualquer passividade. Assim, a compreensão do corpo, especialmente através dos relatos desses sujeitos, não ocorre se não for de modo individual, autônomo, por vezes dialogando, outras contrapondo as construções sociais e culturais (PRECIADO, 2011; LE BRETON, 2016).

É sobre provocar rupturas com essas construções sociais e culturais que Rafael compreende sua sexualidade por meio da fluidez. Sua preferência sexual não o impede de ter outras ou determina a redução de experiências.

Tipo a minha sexualidade é muito mais fluída do que eu imagino. Me enxergo como pessoa gay, só que eu acho que é muito redutível tipo se rotular. E a gente não sabe o que a gente vai viver amanhã, entendeu? Se a gente, por acaso, acontece de tipo ter um envolvimento com uma “mina”. Tipo, eu não ia correr, sair correndo porque eu não sou assim. (...) eu gosto de viver as relações. A minha preferência é por meninos, mas nada me impede, sabe? Nada me impede de se envolver com uma pessoa, tipo, um homem ‘trans’, uma mina ‘trans’, ou uma mina ‘cis’ (RAFAEL, 05/2018).

Essas linguagens classificadoras e hegemônicas atravessaram esses sujeitos durante toda uma vida, mas hoje são questionadas, argumentadas, sofrem alterações. Rafael e Fernanda defendem bandeiras que estão sendo refletidas na periferia da semiosfera e que são forças capazes de confrontar e de problematizar os textos que se encontram no centro das semiosferas que habitam. Assumem um movimento de desobediência epistêmica e de afirmação de identidade em política, confrontando classificações excludentes que se propõem universais, mas não se efetivam assim.

Brancura e teoria política, em outras palavras, são transparentes, neutras e objetivas, enquanto Cores e teoria política são essencialistas e fundamentalistas. A opção descolonial desqualifica essa interpretação. Ao ligar a descolonialidade com a identidade em política, a opção descolonial revela a identidade escondida sob a pretensão de teorias democráticas universais ao mesmo tempo em que constrói identidades racializadas que foram erigidas pela hegemonia das categorias de pensamento, histórias e experiências do ocidente (mais uma vez, fundamentos gregos e latinos de razão moderna/imperial) (MIGNOLO, 2008, p. 297).

Questionar os movimentos de descolonização e de pensamentos fronteiriços requer destacar que a fronteira, segundo Lotman (1998), é bilíngue. E é parte de uma semiosfera que apresenta textos complexos e diversos, traduzíveis ou não, a fronteira constitui-se como esse espaço de tradução, de filtro, que atua possibilitando a estabilidade entre a periferia e o centro.

É preciso, no entanto, que se entenda a semiosfera como um espaço dinâmico, em que diferentes culturas, diferentes signos e símbolos se atravessam, sofrem tensionamentos, desestabilizações e disputas, mas que também se entrelaçam (LOTMAN, 1998).

Podemos compreender que os textos culturais, sobretudo os midiáticos, refletidos sobre os dois sujeitos sempre foram objetos de problematização e de questionamento, mas talvez não assumissem uma dimensão política que cria textos novos, no caso, quando buscam não se definir, quando escolhem experimentar e confrontar, quando problematizam textos de diferentes espaços semióticos, a saber: doutrina da igreja e falta de representatividade; imposição heteronormativa no mundo gay e fora dele, por exemplo.

As reflexões sobre questões raciais, de gênero e de sexualidade apontadas pelos sujeitos partem das periferias textuais e confrontam os discursos hegemônicos do centro fazendo com que novos textos surjam e que os signos sejam ressignificados, produzindo também novas linguagens, resultantes dessas confrontações e das rupturas que elas causam, que se juntam também ao que permanece, ao lugar das continuidades.

Rafael, numa tentativa de confrontar modelos, se questiona e reflete sobre quais seriam os limites que definem até onde vai o corpo de um homem ou de uma mulher, há como medir e impor limites? Ele propõe o debate e reforça, conforme já refletido anteriormente, que o gênero está mais ligado às características psicológicas, em como o sujeito se vê e ao seu íntimo, algo que o incomoda no “mundo gay”, já que se sente desconfortável e quase obrigado a obter um corpo padrão “sarado”.

É neste ponto que sua resistência se torna visível a não tentar se padronizar. O que Rafael instiga e vivencia desde a adolescência reflete o que já fora pensado por Le Breton (2016) ao identificar que os movimentos políticos feminista e homossexual não podem ser definidos em categorias de “homossexual” ou “heterossexual”, e sim, devem-

se apoiar na multiplicidade de corpos, nas suas singularidades, num poder que o corpo assume de ser elemento transgressor de normas e regras, instituidor e reafirmador de identidades e de posicionamentos políticos. Dessa forma, haveria também uma quebra e um espaço de resistência às categorizações entre “normais e anormais”. (PRECIADO, 2011).

Le Breton (2016) trabalha com a ideia de que os corpos não existem separados da língua. A língua, por sua vez, funciona como um mecanismo hegemônico que agrega os sujeitos em determinadas lógicas, e é responsável por traduzir regras, normas, preceitos sociais e, ao mesmo tempo, constitui-se também como um elemento excludente, hierarquizador. Dessa forma, o que Fernanda e Rafael têm buscado através de modos autônomos de se ver e de se compreender, parte de uma decisão política que carrega resistências e confrontações com os poderes estabelecidos, naturalizados e hegemônicos.

Essas instabilidades que eles traduzem nos modos de se ver e se definir não significam que falta concretude, mas o que se busca demonstrar é a dinamicidade, a falta de certezas provisórias, as identidades que são ambivalentes e, até mesmo, contraditórias, e de como tais entendimentos permitem aos sujeitos a liberdade de não precisarem se definir em categorias fechadas, em modelos binários e nem seguir regras hegemônicas. Trata-se também de um movimento de contestação, de desobediência.

Ao definirem sua sexualidade pela fluidez buscam não só a quebra da rigidez de categorizações, mas também a liberdade de poder ser o que quiserem, assumirem papéis, parceiros, transitarem entre diferentes espaços. Lutam também contra qualquer fixação de identidades, contra a visão de sujeitos completos, estáveis.

Encontram-se ao que propõe Tomaz Tadeu da Silva (2000) nos estudos de identidades e diferença, ao dizer que as estratégias políticas contra a fixação refletem identidades “ambíguas” e “indefinidas”. O que dialoga com o movimento de Rafael, que assume a sexualidade gay como uma bandeira política, mesmo não se reconhecendo como essencialmente homossexual ou heterossexual e não descartando se relacionar com mulheres cis, trans, homens trans, por exemplo.

Esses discursos de subversão às lógicas naturalizadas refletem também os “micropoderes” que esses sujeitos produzem ao questionar a linguagem e os elementos

culturais em que foram moldados. Lopes (1997) citando Foucault (1987) reflexiona que o poder é estabelecido sobre sujeitos que podem resistir. Em certa medida, o poder não só hierarquiza, modela, fabrica corpos e mentes para serem “dóceis”, mas também incita, envolve elementos de confrontação, de rupturas e, sobretudo, de criação de textos e linguagens alternativos, visando agregar sujeitos que estão na maior parte do tempo fora do centro e que também o tensionam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa irregularidade que se torna visível nos textos impulsionados pelas resistências presentes nos discursos de Fernanda e Rafael expõe que a categorização da semiosfera na qual estão inseridos é atravessada pelo que Lotman (1998) entende como diferentes níveis e estruturas, gerando mesclas de níveis culturais diferentes, assim fazendo surgir textos semióticos novos.

Fernanda diariamente resiste a um padrão de que “ser feminina” significa usar roupas mais justas, o cabelo alisado e maquiagem. Rafael usa unhas coloridas, colares e pulseiras. Ambos confrontam os binarismos classificatórios, questionam textos do centro da semiosfera e, assim, resistem e constroem novos textos, que refletem o modo como se vestem, o penteado que costumam usar, os corpos naturais que preferem adotar.

Fernanda e Rafael atravessam muitos textos semióticos. Seja no ambiente de trabalho, nos aplicativos de relacionamento, nas cadeiras universitárias, no estágio acadêmico, na igreja ou no grupo de amigos, problematizar as representações sobre si é uma realidade cotidiana para ambos.

Dessa forma, no sentido de representações que são construídas, naturalizadas e não refletidas, Rafael problematiza também os desenhos animados que separam o “bem” do “mal” e quase sempre o mal está representado por “algo negro”. Esses sentidos da palavra “negro” são tensionados por Guacira Lopes (1997) quando aborda que a palavra adquire diferentes significados de acordo com os contextos diversos em que é empregada, a exemplo do caso citado, para além da cor da pele, e em sentido depreciativo, ligado ao mal, ao que se precisa exterminar, a algo animalesco, algo que já

refletimos neste texto também com base nas ideias de Moreira (2019) nas aparições da personagem Vera Verão nos programas de humor televisivos.

O que é levantado nas falas de Rafael e Fernanda também é refletido por Miskolci quando aborda que “a constituição de raças, por exemplo, não se deu a partir de entidades naturais pré-existentes, mas foi o resultado de acesso desigual ao poder que criou relações discriminatórias por parte do grupo hegemônico” (2009, p.13). Miskolci (2009) observa ainda que, nos textos culturais, os elementos binários usados para definir os dominantes colocam em posição inferior a raça negra e o sexo feminino.

A designação “raça” usada na biologia e na genética como forma de categorizar raças em superiores e inferiores foi adotado por muitas sociedades para justificar a “dominação político-cultural” (Gomes, 2005, p. 50). Constitui-se numa forma de binarizar e hierarquizar diferenças, justificando processos de exclusão, conforme aponta Gomes (2005) No Brasil, diante da ascensão da extrema direita, o debate sobre a hierarquização racial a violência e a marginalização de corpos negros se tornam mais que necessário. Há que se destacar a necessidade apontada por muitos pesquisadores de ressignificar e tornar político o termo “raça” (GOMES, 2005).

No movimento de confrontação, os dois também vão desnaturalizando e problematizando as repetições que funcionam como elemento que torna natural, cotidiano e que continua por categorizar, formatar e inserir os sujeitos nas lógicas binárias da cultura e da língua. Contestar, interromper e refletir sobre as repetições faz com que, segundo Silva (2000), sejam produzidas novas identidades. Algo que torna dinâmico os movimentos na semiosfera, reforçando a diversidade que a constitui e a sustenta, fazendo com que um texto semiótico se transforme em muitos, especialmente pelos diálogos entre centro e periferia (LOTMAN, 1998).

A fronteira, como já fora destacado, constitui-se como um espaço semiótico que se caracteriza também por apresentar uma organização menos rígida. É flexível, dinâmica e atravessada pela resistência (LOTMAN, 1998). Os tensionamentos trazidos da periferia ao centro pelos sujeitos fazem com que novos textos sejam produzidos, afirmando suas identidades e as particularidades que os atravessam, vão se apoiando na resistência, também necessária para estabelecer o diálogo com o que está fora do espaço

semiótico, fazendo com que novos elementos integrem essa ordem e que sejam criados novos espaços. (LOTMAN, 1998).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFAGEME, Ana. Morrer por ser gay: o mapa-múndi da homofobia. **El país**, 19 março 2019. Disponível em:

[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147\\_774690.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html).

Acesso em: 08 de maio de 2020.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A interpretação das culturas**. LCT: Rio de Janeiro, 1989.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista: caminhos abertos pela Lei federal n° 10.639/03**. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.

LE BRETON, David. O inapreensível do corpo. IN:\_\_\_\_ **Antropologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2016. P.15 – 56.

LOTMAN, Yuri. La memoria de la cultura. IN: In: **La Semiosfera I**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Cátedra, 1996.

\_\_\_\_\_. Acerca de la semiosfera. IN: **La Semiosfera II**. Semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio. Madrid: Cátedra, 1998.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 150-182.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.

PRECIADO, Paula Beatriz. **Multidões queer**. Notas para uma política dos anormais. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 19(1): 312 janeiro-abril/2011.

RETROSPECTIVA 2019: Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT. **Agência de notícias da AIDS**. 29 Dez. 2019. Disponível em: <https://agenciaaids.com.br/noticia/retrospectiva-2019-brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt/>. Acesso em 08 de maio de 2020.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: \_\_\_\_ **Identidade e diferença**. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

TORRICO, ERICK. A re-humanização da decolonização comunicacional. In: **Palestra ministrada no III Colóquio Internacional de Investigação Crítica em Comunicação da Unisinos**. São Leopoldo, RS, 2018.

VELASCO, Clara; CAESAR, GABRIELA; REIS, Thiago. Mesmo com queda recorde de mortes de mulheres, Brasil tem alta no número de feminicídios em 2019. **G1**, 05 março, 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2020/03/05/mesmo-com-queda-recorde-de-mortes-de-mulheres-brasil-tem-alta-no-numero-de-femicidios-em-2019.ghtml>. Acesso em: 08 de maio de 2020.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: \_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1980.

**Recebido em 13 de maio de 2020**

**Aprovado em 25 de junho de 2020**